

CAPÍTULO 1

Uma mulher a cair do céu.



Contei os segundos entre o instante do relâmpago e o do trovão – um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Depois multipliquei por trezentos e quarenta, a velocidade do som em metros por segundo, para calcular a distância a que caíra o primeiro raio: dois quilómetros, trezentos e oitenta metros. Calculei o segundo, o terceiro, o quarto. A tempestade avançava veloz na nossa direcção. Soube onde iria cair o quinto raio um instante antes que o céu se abrisse.

Kianda estava cerca de cem metros à minha frente e avançava, avançava sempre, como num palco, empurrada pela luz. Os sapatos afundavam-se na terra, vermelho laca sobre vermelho velho. Ao longe dançavam palmeiras. Ainda mais ao longe erguia-se a sólida silhueta de um imbondeiro. Kianda caminhava muito direita, de rosto erguido, as belas mãos, de dedos longuíssimos e finos, cruzadas sobre o peito. A luz era uma substância dourada e densa, quase líquida, à qual se colavam folhas secas, papéis velhos, a fina poeira afogueada, matéria que o vento ia erguendo nos seus braços tortos.

O meu amor continuava a avançar de encontro à massa negra das nuvens. Lembrei-me das palavras de um famoso crítico de música, um velho inglês, um tanto excêntrico, tentando explicar o sucesso dela: “O que primeiro nos cativa é o contraste entre a fragilidade da silhueta, estranhamente angulosa, estranhamente elegante, e a altiva ferocidade do olhar. A voz poderosa e delicada. Apetece ao mesmo tempo protegê-la e espancá-la”.

Kianda entrou na chuva. O leve vestido de seda, de um encarnado muito vivo, colou-se-lhe à pele, enquanto ia mudando de cor, para um tom escuro, quase roxo. O amplo decote nas costas deixava ver as duas asas azuis que Kianda tatuou numa viagem ao Japão. A mim impressionam-me sempre, por melhor que as conheça, devido ao detalhe das penas e à técnica, em *tromp l’oeil*, que cria uma ilusão de relevo. As asas movendo-se ao ritmo da respiração. A furiosa cabeleira em chamas, que tantas mulheres tentam imitar, apagou-se, perdeu volume e brilho, alongando-se sobre o firme desenho dos ombros.

Abri a porta e saí do carro, um Chrysler antigo, amarelo torrado, uma peça de colecção. O vento húmido fustigou-me o rosto. Gritei o nome dela, mais alto que o ribombar da tempestade. Kianda voltou-se para mim, ao mesmo tempo que erguia os olhos, num espanto mudo.

(Dou-me conta, enquanto releio o que escrevi, que parece o guião de um filme publicitário. Este é o momento em que devia surgir o frasco de perfume. Teria de ter um nome apropriado, algo como La Tempête. Mas não. A partir deste instante o filme muda).

Segui o olhar de Kianda e vi uma mulher a cair do céu. Caiu – veio caindo, nua, negra, de braços abertos – quase ao mesmo tempo que o raio.

O raio fez explodir o imbondeiro. Um meteorologista explicou-me, há muitos anos, que os raios podem fazer explodir as árvores ao provocarem a súbita ebulição da seiva. A mulher afundou-se entre o capim alto, não muito longe do carro. Aproximei-me. O corpo estava enterrado na lama. Tinha a cabeça deitada para trás. Reconheci aqueles olhos abertos, muito negros, ainda cheios de luz. Recuei aterrorizado. Não deixei que Kianda a visse:

– Vamos!

– Vamos?! E ela?

– Ela está morta, amor! Não se incomoda. Queres chamar a polícia?

– Não, não! A polícia não. Não quero chamar ninguém. Sabes muitíssimo bem que não nos podem ver juntos.

Abracei-a. Kianda tremia. Levei-a para o carro, sentei-a no lugar do morto, e conduzi em silêncio de regresso a Luanda. Quando chegámos ainda a noite não descera sobre a cidade. Estacionei o carro a dois quarteirões do prédio dela. Debrucei-me para a beijar. Kianda afastou o rosto:

– Não! Nunca mais.

Saí. Ela tomou o meu lugar, colocou o carro em andamento e foi-se embora. Mandei parar um taxi. Durante muitos anos não houve em Luanda táxis individuais; havia somente taxis colectivos, os candongueiros, destinados a servir o povo.

(O Povo, ou Eles, é como em Angola nós, os ricos, ou os quase ricos, designamos os que nada têm. Os que nada têm são a esmagadora maioria dos habitantes deste país).

O motorista era um congolês obeso. A pele do rosto, muito lisa, brilhava como um espelho à luz acobreada do final do dia. Abriu para mim um sorriso enorme:

– Para onde vamos, paizinho?

– Não sei. – Confessei numa voz sem cor. O Medo não me deixava pensar. – Para qualquer lado.

O homem voltou a sorrir:

– Não se preocupe. Eu levo-o lá.

Meia hora depois deixou-me à porta de um pequeno bar. Reparei no néon a pulsar sobre a porta – “O Orgulho Grego”. O sorriso do taxista tinha agora o tamanho do mundo:

– Entre e pergunte pela Mãe Mocinha. Ela saberá dizer-lhe para onde ir. Nunca se engana.

(A mulher em queda, cinco dias antes).

Vi-a mal entrei na sala de embarque. Ela também me viu. Prendeu em mim a luz impiedosa dos grandes olhos negros, tão intensamente que baixei os meus. Quando voltei a erguê-los ela ainda ali estava, sentada numa das cadeiras, muito direita, com a elegante altivez de uma princesa etíope. Vestia um casaco de peles, de um luxo arcaico, e calças negras à boca de sino. Sentei-me duas cadeiras atrás, para escapar àquele olhar e poder estudá-la tranquilamente.

Quem seria? Ou melhor – o que seria? Comecei a imaginar várias possibilidades: certamente bem nascida, em família antiga de Luanda ou de Benguela. Um dos avôs teria sido funcionário público da administração colonial. O pai, burocrata ao serviço da presidência; talvez um empresário próspero; um general convertido em empresário na área da exploração mineira. Ela estudara em Lisboa, em Londres ou Nova Iorque.

Eventualmente em Lisboa, Londres e Nova Iorque. A forma como estava vestida sugeria um gosto em conflito com os actuais padrões ecológicos. Talvez sentisse prazer em afrontar, ou tivesse tanto dinheiro que se achasse acima do julgamento das massas. Fosse quem fosse tinha a certeza de que nunca a vira antes. Lembrei-me de um dos “Doze Contos Peregrinos”, de Gabriel Garcia Marquez, “O Avião da Bela Adormecida”. No conto, o escritor colombiano descreve uma viagem que fez ao lado da mulher mais bela do mundo, a qual nunca lhe dirige a palavra. Viajo muito de avião, quase todos os meses, e não me recordo de alguma vez ter conseguido ficar sentado ao lado de uma mulher bonita. Suponho que as companhias aéreas tenham instruções para não sentarem mulheres bonitas ao lado de homens, qualquer tipo de homens, com excepção de senhores de idade muito respeitável e sacerdotes. Quando anunciaram o embarque esperei que a mulher se levantasse para me colocar na fila. Então, para minha surpresa, ela voltou-se para trás, esticou o indicador da mão direita e perguntou-me:

– É o Bartolomeu Falcato?

– A maior parte do tempo sou sim. – Concordei, esforçando-me por acrescentar um dito espirituoso, um comentário alegre, alguma coisa que me permitisse recuperar o ar e o aprumo. – Mas estou disposto a ser aquilo que você quiser, quando e onde você quiser.

Reconheço, podia ter sido um pouco mais original. A minha inépcia não pareceu ofendê-la:

– Chamo-me Núbia. – Disse, num tom de voz demasiado alto. – Eu sabia que nos encontraríamos, em Lisboa, em Luanda, em algum lugar do mundo. Tinha a certeza.

Não me atrevi a perguntar de onde lhe vinha tanta certeza. Ao invés, quis saber em que se ocupava. Sorriu, evasiva. Logo a seguir alguém a chamou, ela afastou-se, e só a voltei a ver no avião. Estava uns bons lugares à minha frente. Ao meu lado não havia ninguém. Núbia deu-se conta disso e veio ter comigo. Despiu o casaco de peles e guardou-o na bagageira. Por baixo vestia uma simples blusa branca, muito elegante, que deixava adivinhar uns seios largos e firmes. Abriu depois uma pequena mala vermelha, em plástico, tirou uma pilha de revistas e colocou-as no meu colo:

– É para você me conhecer melhor.

As revistas tinham nomes como “Cacau”, “Tropical”, “Mulher Africana”, “Caras e Cores”. Núbia estava em todas as capas. Na primeira aparecia vestida de noiva, a descer uma longa escadaria em caracol. Na segunda posava em biquíni, deitada de costas numa toalha de praia, tendo ao fundo, entre um friso de rochas, um mar cor de esmeralda. Na terceira vestia apenas uns curtos calções de ganga, e ria, uma bela gargalhada juvenil, enquanto procurava esconder o peito com ambas as mãos.

– Ah, bom! – Suspirei, espantado. – Então você é modelo...

– Fui Misse Angola há dez anos. Depois comecei uma carreira como modelo. Tive também um programa na televisão.

– Já não tem?

– Não, calaram-me! Eles não querem que eu fale!

Tirou-me as revistas das mãos e substituiu-as por um grosso álbum de fotografias. Ela mesmo o abriu. As primeiras imagens mostravam um desfile de misses. Núbia surgia nas fotos seguintes, sempre com o mesmo sorriso, ao lado da Presidente e do marido. Ao lado de um famoso jogador de futebol. Ao lado de uma actriz de cinema. Abraçada a um próspero empresário americano. Abraçada a dois prósperos empresários nacionais. No colo de um conhecido traficante de armas. No enorme iate presidencial. Apontei para uma fotografia dela, a cavalo. Um pouco ao fundo, também a cavalo, via-se um homem elegante, com bigode e cavanhaque. O rosto pareceu-me familiar:

– E quem é este?

– Esse é o amante da senhora Presidente!

– Como?!

Ela ignorou o meu assombro. Continuou a mostrar-me as fotos. Foi-se entusiasmando. Falava quase sem respirar, torrencialmente, ao mesmo tempo que o sotaque mudava. Distinguia-se agora, atrás da macia e dolente pronúncia característica da velha burguesia luandense, uma outra, mais larga, mais sonora e rústica. Era como se uma segunda mulher, uma mulher do povo, estivesse a tentar sair de dentro daquela – da falsa – não como a borboleta a romper a pupa, mas como uma lagarta a irromper de uma borboleta. Perguntei-lhe o nome de família. Sorriu, a mostrar que adivinhara as minhas intenções:

– A minha família era muito pobre. Eu nem sabia falar português. Falava mal. Foi esta que me ensinou a falar.

Apontou para a Presidente, numa das fotos. Soltou uma pequena gargalhada:

– É uma ordinária! Costumava ficar a espreitar enquanto o marido me comia. Sabes o que me obrigaram a fazer? Não, não sabes. Ninguém sabe. A mim e às outras meninas. Orgias com gente importante. Drogas...

– Não acredito!

– Sim, experimentei muitas drogas. Liamba. Heroína. Coca. Hoje já não me drogo. Deus não me deixa tomar drogas...

– Deus?!

– Deus, sim. – Baixou a voz. Aproximou os doces lábios do meu ouvido. – Sabes que Deus foi visto a desfilar na Marginal? Deus fala comigo. Um dia mostrou-me um dos teus livros. No dia seguinte fui a uma livraria e comprei-o.

– E leste-o?

– Li mas não compreendi nada. Li-o, porque Deus me disse, “Filha, prepara-te. Tu és Núbia, a puta, e és Maria, a pura. Bendito o furor do teu ventre”. Ele disse-me isto porque vou engravidar, vou dar ao mundo um novo Salvador...

Fixei-a perplexo e assustado:

– E quem será o pai?

Núbia olhou para mim, um pouco chocada:

– O pai?! O pai vais ser tu, evidentemente. Foi-me revelado por Deus. Tu serás o meu José.

– E o nosso filho vai chamar-se como?

– Emanuel, é claro.

Resolvido o assunto começou a contar-me que durante muitos anos fora um rapaz. Entretanto haviam apagado as luzes dentro do avião. Passava da meia noite. Lá fora as estrelas ardiam em silêncio.

– Quando eu era rapaz costumava comer a senhora Presidente...

Eu já não a ouvia. Doía-me a cabeça. O sono ia-me apagando a consciência, como um blecaute na cidade, há muito tempo, nos anos da guerra, primeiro um bairro e a seguir o outro, largas extensões que desapareciam no abismo. Ao mesmo tempo imagens soltas irrompiam não sei de que oceano oculto, do interior mais profundo do meu cérebro: eu a beijar Laurentina, a minha mãe a dançar com um vestido cor-de-rosa, um cão morto, no passeio, com a garganta cortada. Lutei desesperadamente para me manter à tona. Por fim adormeci, devo ter adormecido, pois lembro-me que estava a correr nu numa praia, ao lado de Núbia quando, de súbito, abri os olhos e a vi inclinada sobre mim. Desabotoara a blusa e soltara o sutiã. Ali, na rápida noite, a onze mil metros de altitude, pareceu-me uma divindade indubitável. Uma versão moderna (bastante moderna, é certo) da Mãe do Salvador. Despertei, estremunhado:

– O que estás a fazer?!

– A despir a blusa. Vamos amar-nos.

– Aqui?!!

– Sim, espera um momento, vou tirar as calças.

– Não vais não. Vais abotoar a blusa.

– Não me achas bonita?

– Acho-te bonita, sim, mas também acho que não estás bem. Devias falar com um psicólogo.

– Prefiro falar com Deus. O que pode um psicólogo dizer-me que Deus não me diga? – O argumento desarmou-me. Núbia tomou o meu silêncio como uma concordância. Acrescentou em voz trocista. – Queres que vá falar com Bárbara Dulce? Ela não é psicóloga?

– Bárbara?! A Bárbara é psicanalista. É investigadora. Especializou-se em distúrbios de sono. Em sonhos. De onde é que tu conheces a minha mulher?

– Conheço tudo sobre ti...

Não conhecia, felizmente. Nem sequer sabia o meu número de telefone. Dei-lhe um número errado, mas guardei o dela. Despedimo-nos, com um beijo rápido, na fila da polícia de fronteiras. Prometi ligar-lhe, insisti

em que devia descansar, e tratei de desaparecer. Barbara Dulce aguardava por mim, lá fora, e eu não queria um escândalo.

Mãe Mocinha levou-me para um pequeno quarto, todo pintado de verde-esmeralda, a que se acede a partir do bar por um estreito corredor. Aconselhou-me a não regressar a casa nos próximos dias. Não lhe prestei atenção. O que me disse a seguir – com uma voz roubada não sei a quem – isso, sim, deixou-me inquieto. A seguir adormeceu, a cabeça deitada sobre o peito, num velho sofá. Saí dali e voltei para o bar. O meu telefone começou a ladrar no momento em que me preparava para deixar o Orgulho Grego.

(Sim, o meu telefone ladra. Carla, a minha filha do meio, substituiu o antigo toque, um discreto retinir, old fashion, por um latido feroz. Se por acaso me distraio e não atendo logo, a máquina enfurece-se – ou melhor, o cão que há nela. Já me aconteceu estar na rua, alguém me ligar, e eu ver surgir do nada um rafeiro, também ele aos uivos e latidos. Tive de fugir, como um larápio, com um cão no bolso e outro a morder-me os calcanhares. Tentei repor o antigo toque, mas sem sucesso).

Era Kianda. Disse-me que o marido a trocara por outra mulher. Acrescentou que não me queria ver mais. Nunca mais. Quando desligou sentei-me a uma das mesas. Pedi uma cerveja. O proprietário do estabelecimento, um besugo português, muito simpático, trouxe duas cucas e um pratinho com pastéis de bacalhau. Os melhores pastéis de bacalhau que comi até hoje. Sentou-se à minha frente e começou a contar-me a história da sua vida. Contou-me depois como conhecera Mãe Mocinha. Ambas as histórias eram extraordinárias. Já passavam das oito quando me levantei. Liguei para Bárbara Dulce. O telefone tocou, tocou, mas ninguém atendeu. Precisava falar com ela. Teria de lhe contar que viajara com Núbia de Matos. Bárbara, acharia estranho: “Porque não me disseste nada antes?” – perguntaria. “Ora, querida, porque não te queria assustar. A mulher é louca. Doida de pedra”. Depois contar-lhe-ia que a vira cair do céu, mesmo à minha frente, enquanto me dirigia, num taxi, conduzido por um congolês, para o Condomínio do Cajueiro. Provavelmente Bárbara voltaria a atacar, erguendo a voz um tudo nada: “E o que ias tu fazer ao Condomínio do Cajueiro, pode-se saber?”. Neste ponto eu encolheria os ombros: “Ah, sei lá! Entrevistar um labrego português, uma espécie de vidente, sabes?, é para o meu novo romance”. Fui construindo e reconstruindo os diálogos enquanto esperava por outro táxi. Bárbara falaria com o pai. O meu sogro é um homem muito influente, ligado desde a independência, desde sempre, portanto, ao Ministério da Segurança do Estado. Benigno saberia como me ajudar. Definir uma estratégia devolveu-me certa tranquilidade. Um táxi parou diante d’ O Orgulho Grego. Desta vez o motorista era um jovem indiano. Entrei e disse-lhe que me deixasse na Termiteira. Chegámos em menos de quinze minutos. O imenso salão da entrada principal estava deserto. Um guarda já muito velho dormia com a cabeça caída sobre a secretária, enquanto, diante dele, uma pequena televisão transmitia um dos meus filmes preferidos: “Blade Runner”. Entrei no elevador e pedi ao

ascensorista que me deixasse no quadragésimo sétimo andar. Não havia ninguém no apartamento. Encontrei um bilhete pousado sobre a mesa da sala: “Bartolomeu: a Kianda esteve no meu consultório e contou-me tudo. Fui para casa dos meus pais com as meninas. Não me telefones, nem me procures. Preciso de um tempo para pensar no que quero fazer da minha vida. Bárbara”. Deixei-me cair atordoado num dos sofás. Liguei a televisão, sem pensar, num gesto automático e de repente lá estava ela, Núbia de Matos, um primeiro plano do rosto, de olhos fechados. A câmara mostrou depois o corpo, visto de cima, num charco de luz. Foi subindo sempre e revelando outros personagens – dois polícias, um dos quais ajoelhado junto do corpo da modelo; o segundo, em pé, tomando notas – e continuou a subir enquanto a voz do locutor crescia sobre o ruído ambiente:

– O cadáver de Núbia de Matos, antiga Misse Angola, modelo e jornalista, foi encontrado ao princípio da noite por dois camponeses, nos arredores do Condomínio dos Imbondeiros, em Bom Jesus. Núbia de Matos transformou-se numa figura nacional quando, em 2010, conquistou o título de Miss Angola. Enveredou a seguir pela carreira de modelo. Foi durante vários anos a modelo preferida dos Irmãos Congo, tendo apresentado as colecções da Congo Twins nos principais certames mundiais da moda. Núbia apresentou também, durante dois anos, um programa sobre gente famosa na Televisão Independente de Angola. O seu desaparecimento, aos 32 anos, deixa de luto o mundo da moda. A polícia não adiantou qualquer pormenor sobre a morte da modelo, que vivia sozinha num apartamento alugado, em Luanda Sul...

O telefone voltou a ladrar no meu bolso. Número privado. Quando aparece a referência “número privado” costuma ser Kianda. Atendi. Escutei uma voz de homem, escura, mergulhada no que parecia ser um rumor de festa:

– É Bartolomeu Falcato, o escritor?

– Sim...

– Fuja, se está em casa saia agora. Vão matá-lo.

Fez o aviso e desligou. Levantei-me e cerrei os estores. Apaguei as luzes. Voltei a sentar-me, mas dessa vez no chão, encostado a um canto. Fiquei ali, a tremer no escuro, como um pequeno animal acochado. Não levava a sério nada do que Núbia me dissera. Ia tão alta a noite, tão rápida e tão convulsa, e eu tão tonto de sono, à deriva entre os meus sonhos e os pesadelos dela. Se apenas duas ou três das afirmações que Núbia fizera fossem verdadeiras isso já justificaria que a tivessem atirado de um avião ou de um helicóptero. Supondo que a interrogaram antes de a empurrarem porta fora não custa imaginar que Núbia mencionasse o meu nome. Entre os vários documentários que realizei gosto muito de um sobre prisioneiros de consciência em África. Entrevistei vinte e sete. Alguns confessaram terem-se sentido, numa altura ou noutra, à beira de perder a razão.

– Eu passeava por lá. – Disse-me um padre zimbabwano, baixando os olhos. – Passeava por esse outro mundo. Era um visitante. Muitas vezes enquanto me batiam fechava os olhos e deixava-me ir. Fugia. Um dia compreendi que podia nunca mais conseguir regressar. Então tive medo, muito medo. Deve ter sido nessa altura que denunciei os meus companheiros. Não foi a dor que me fez falar, foi o pavor de enlouquecer.

Ao fim de algumas horas o mais difícil para um interrogador é resistir ao contágio da loucura. O meu sogro contou-me o caso de um dissidente,

um jovem estudante de economia, que depois de trinta horas em pé, sob a árdua luz de um holofote, desatou a falar num idioma alado que um dos guardas, devoto de Simon Kimbangu, assegurou ser aramaico, a língua de Jesus Cristo (escutara-a numa visita à Etiópia). O estudante passou do aramaico para o francês das Antilhas e depois para um umbundo luculento, o que a todos surpreendeu, visto o rapaz, natural de Luanda, filho de humildes colonos portugueses, nunca na vida ter ido mais longe do que o Cacuaco. Persistiu, nessas línguas todas, em insultar o Pai da Pátria, ao mesmo tempo que afirmava ser capaz de transformar os seus torturadores em lagartixas. Um deles, o kimbanguista com conhecimentos de aramaico, recusou-se a continuar depois que ao terceiro dia lhe surgiu nas mãos uma estranha doença de pele. Mais tarde também ele foi preso, e enlouqueceu, convencido de que se havia realmente transformado numa lagartixa.

(Permitam-me, entretanto, uma correcção: o meu sogro não utilizou em nenhum momento a palavra dissidente. Benigno é minucioso com os vocábulos. Aos exilados, no geral, o meu sogro chama emigrantes políticos. Aos dissidentes do partido no poder chama fraccionistas. O indivíduo em causa ocupou altos cargos na direcção do partido até 1977. Nessa altura ligou-se a um grupo que contestava a liderança de Agostinho Neto e foi preso e torturado. Depois de solto refugiou-se em Portugal. Benigno referiu-se a ele quer como emigrante político, quer como fraccionista.)

O que quero dizer com tudo isto?

Bem, imaginem Núbia submetida a um interrogatório duro, para utilizar outro eufemismo que o meu sogro apreciaria. Imaginem-na a misturar, desde o início, as intrigas íntimas da corte com as revelações que lhe fez o Senhor Deus. Pode ser que os interrogadores pensassem que Núbia se fingia de louca, ou que era apenas uma visitante – como o zimbabwano. Ou pode ser que lhes fosse indiferente. Louca ou não, sabia de mais e tinha dado com a língua nos dentes.

Servi-me de um uísque e pus-me a caminhar pela sala em largas passadas. O mais provável é que andassem já à minha procura. Uma brigada de extermínio, algo assim, como nos filmes. Quanto ao meu querido sogro, Benigno dos Anjos Negreiros, parecia-me agora muito improvável que estivesse disposto a ajudar-me. Não depois de Bárbara Dulce lhe ter entrado em casa, aos prantos, com as duas meninas pela mão. No dia em que me casei, minutos antes de Bárbara surgir na Igreja, radiosa, Benigno arrastou-me para uma arcada sombria, debruçou-se para me ajeitar o laço, e sussurrou, sorrindo sempre, enquanto me olhava nos olhos:

– Você está a levar-me o meu maior tesouro, senhor Bartolomeu Falcato. Nunca lhe dê desgostos. Se algum dia eu encontrar a minha menina a chorar por sua causa, se algum dia lhe vir no rosto a mínima lágrima, juro que o mato.

Atrás de mim São Sebastião sofria, amarrado a um rochedo, com o branco peito crivado de setas. Tentei brincar:

– Se Bárbara chorar será de felicidade.

Benigno endireitou-se:

– Tenho a certeza que sim.

A campanha da porta trouxe-me de volta ao presente. Levantei-me sem

fazer ruído e espreitei pelo olho mágico. Vi o rosto severo de um homem, na casa dos trinta, com um bigode e um cavanhaque muito bem desenhados. Olhava directamente para mim, embora, é claro, não me conseguisse ver. A seguir afastou-se alguns passos. Vestia um fato escuro, que lhe caía muito bem, e uma gravata de seda com a imagem de uma gueixa a tocar shamisen. Deslizei para longe da porta. O homem não tinha aspecto de assassino profissional, muito menos de agente da polícia política. Conheci desde simples bufos a altos quadros da segurança de Estado e nenhum usaria uma gravata de seda com a imagem de uma gueixa a tocar shamisen. Talvez as novas gerações se tivessem sofisticado. Saí pela porta da cozinha e galguei as escadas de serviço. No andar de cima vive Mouche Shaba, a arquitecta que desenhou a Termiteira. Mouche é minha amiga. Pensei que me poderia ajudar.

José Eduardo Agualusa

Primeiro capítulo de **Barroco Tropical**, 2009.
Publicações Dom Quixote, Lisboa, Portugal.